
O que é *ser adulto* ?” As velhas e novas representações sociais sobre o que é *ser adulto*.

Filomena Carvalho Sousa

Esta comunicação refere-se ao trabalho de investigação que está a ser desenvolvido no âmbito do doutoramento em Sociologia do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE) e que pretende identificar e caracterizar as representações sociais sobre o que é *ser adulto* na sociedade portuguesa.

Neste trabalho considera-se então que, na sociedade portuguesa, *ser adulto* é representado socialmente e de forma hegemónica como um estatuto a atingir com a obtenção de estabilidade na vida profissional, financeira e familiar. Contudo, pressupõe-se que essa representação, que tem como base um conceito estático, objectivo, disciplinador, estandardizado e linear (na maior parte das vezes promovida através de instituições como a escola, a família e o trabalho), não se coaduna com a realidade das actuais trajectórias complexas, múltiplas, e destandardizadas dos jovens.

Esta representação do adulto enquanto estático é muitas vezes entendida pelos jovens, e actualmente por alguns adultos, como uma **representação negativa** que define um estatuto, uma meta a atingir por objectivos definidos no tempo - “já é tempo de te portares como um adulto”, o tempo da inserção numa profissão estável, de casar, de ter filhos e “de assentar” - é uma representação que implica a aquisição de responsabilidades – profissionais, financeiras e familiares. É a representação de uma fase de vida caracterizada por rotinas, por ter de agir por obrigação e não por prazer, por ter problemas, deixar de ter paciência para novas ideias e tendências, ter menos tempo para estar com os amigos e para as actividades de lazer, *ser adulto* pressupõe posturas e atitudes sérias e formais.

Nesta investigação considera-se, no entanto, a existência de uma **outra representação do que é *ser adulto*, desta vez uma representação que caracterizamos como *emancipada*** que já não se apresenta como hegemónica mas sim como restrita a alguns jovens adultos/adultos da classe média/média alta urbana. Uma representação que substitui o carácter pejorativo e estático do conceito de adulto pelo termo *madureza*, auto-realização e desenvolvimento pessoal.

A **representação emancipada e positiva** sobre o que é *ser adulto* substitui a definição de *passagem para a vida adulta* e de estabilidade pela ideia de percurso e aprendizagem para a auto-realização pessoal, profissional e afectiva – a ideia de aquisição de experiências e conhecimentos, da possibilidade de agir de um modo mais ponderado, a possibilidade de errar, dizer não e desistir, o aumento das capacidades de reflexão, compreensão e criatividade, a possibilidade de aumentar o carácter empático/assertivo, conciliador, tolerante e cooperante.

Impera nesta representação a necessidade de preservar os tempos de sociabilidade com o grupo de amigos, os *tempos livres* e tempos de lazer que não são mais entendidos como contraposição a *tempos presos*. O trabalho, as novas formas de conjugalidade, a vida familiar, doméstica e até mesmo o nascimento do primeiro filho - até então considerado como um dos aspectos fundamentais para o jovem adulto assumir a passagem para a vida adulta - são entendidos, segundo esta “nova ética de vida”, como desafios, fontes de prazer e lazer, de bem-estar, de qualidade de vida, de desenvolvimento e de realização pessoal.

Todavia, mesmo correspondendo de modo mais próximo às características de uma sociedade pós-moderna repleta de desafios, oportunidades, possibilidades de escolha e onde impera o sentimento de liberdade e aventura essa mesma **representação emancipada também se reveste de uma dimensão negativa** que corresponde à outra “face da moeda” – a instabilidade, o risco, a incerteza e a dificuldade de alguns (nomeadamente jovens de classes menos favorecidas) em criar ou aceder às oportunidades apresentando-se, por vezes, vulneráveis a situações de exclusão e/ou marginalidade.

I. Conceito de representação social

Quando nos propomos a estudar as representações sociais sobre o que é “ser adulto”, convém de imediato esclarecer sobre o que se entende por representação social. Este é um conceito essencial no desenvolvimento deste trabalho na medida em que se pretende não só realizar uma análise das práticas e percursos escolares, profissionais e familiares da população em causa, mas e acima de tudo, verificar como esta constrói, no seu quotidiano, a noção do que é “ser adulto”, verificar de que modo essa noção se revela no discurso habitual dos indivíduos, como orienta as relações interpessoais e intergrupais e se corresponde ou não às práticas e percursos analisados.

A noção de representação social remete para um fenómeno psicossocial complexo e multidimensional – “é algo híbrido, já que nela se entrecruzam noções de origem sociológicas – ideologia, cultura, norma valor – e noções de origem psicológica – imagem, pensamento, opinião, atitude” (Costa e Silva, 2003:78). Analisando os desenvolvimentos teóricos realizados acerca da forma como o homem constrói a realidade, o psicólogo social S.Moscovici analisou e sistematizou todo o processo de formação e os conteúdos das representações sociais (1961). Este autor define representação social como algo “criado na vida quotidiana no decurso da comunicação interindividual” e que é equivalente, na nossa sociedade, aos “mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais” podendo ser vista “como a versão contemporânea do senso comum” (Moscovici, 1981:105).

Seguindo as noções de representação social definidas quer no âmbito da psicossociologia quer da sociologia (Moscovici, 1961; Vala, 1993; Bourdieu, 1972; Merton, 1945; Berger e Luckman, 1966), identifica-se, então, a representação social pelo conjunto de conceitos, preposições e explicações que é partilhado pela maioria dos indivíduos (para além das diferenciações sociais a que está sujeita), que é colectivamente produzido na interacção entre indivíduos e que orienta os comportamentos desempenhando um papel funcional na regulação das interacções.

Deste modo, apresentamos um modelo de análise que assenta na representação de *ser adulto* de acordo com duas diferentes concepções:

Representação hegemónica – O adulto é um estatuto a atingir com a obtenção de estabilidade na vida profissional/financeira e familiar. O adulto é entendido como estático e sujeito a percursos lineares característicos de um modelo tradicional de transição para a vida adulta.

Representação emancipada – O adulto está sujeito a uma aprendizagem contínua que promove a auto-realização pessoal, profissional e afectiva e evolui de acordo com percursos complexos de *avanços e recuos* (Machado Pais, 2001). O adulto enquadra-se num modelo pós-moderno de transição para a vida adulta que pode ser vivido e representado segundo um modelo positivo de oportunidades, de possibilidades de escolha e experiências ou um modelo negativo de instabilidade, incerteza e marginalização.

II. A juventude e a transição para a vida adulta

As estratégias e os processos da entrada para a vida adulta fazem parte de uma problemática que se refere a jovens de diferentes pertencas de classes, diferentes grupos de referência, diferentes condições sociais e diferentes estratégias pessoais que podem não passar pela obtenção de graus académicos e pelo prolongamento escolar. O estudo a efectuar integrase, deste modo, numa problemática global que se refere à juventude em geral e às formas pela qual esta adquire o estatuto de adulto.

Na verdade, o próprio termo *juventude* é traduzido, na maior parte das vezes, por “um hiato social que se dá entre a infância e a maturidade humana” (Braga da Cruz, 1984:285) e verifica-se em simultâneo com o actual processo de transição para a vida adulta, complementando-se os conceitos numa relação de causa e efeito. Ou seja, a juventude e a entrada na vida adulta são definidos usualmente como decorrentes de uma fase de vida que existe entre a dependência social e o momento de emancipação - o momento em se adquire o estatuto de adulto, a autonomia económica complementada pela aquisição de uma autonomia

social que passa também pela emancipação habitacional, a constituição de agregado próprio e a aquisição de direitos e deveres cívicos.

De salientar que quando nos referimos aos processos de transição para a vida adulta estamos a identificá-los a partir de dois eixos do ciclo de vida – o *eixo público* (escolar/profissional) e o *eixo privado* (familiar/matrimonial) (Galland, 1984). Ou seja, os processos de transição para a vida adulta são analisados através da dialéctica que se dá entre dois momentos – *os de partida* – a saída da escola e a independência em relação à família de origem (independência monetária e residencial) e os momentos *de entrada* que têm a ver com a inserção no mercado de trabalho e a constituição de família própria.

Considera-se neste trabalho que os processos de transição são diversos e estão dependentes das escolhas e estratégias individuais dos jovens, dos seus níveis de escolarização, das condições sociais da família de origem e das possibilidades definidas pela estrutura socioeconómica que caracteriza a sociedade actual.

Para além das representações dos jovens sobre o que é *ser adulto* esta investigação pretende ainda apreender a **perspectiva do próprio adulto ou “supostamente adulto” sobre o que é ser adulto**, isto porque se por um lado, a juventude se prolonga por tempos de experimentação de situações, de papéis sociais, ideias, opiniões e atitudes, por outro lado torna-se óbvia a tendência das gerações mais velhas para adquirir atitudes e práticas anteriormente pertencentes apenas à juventude - modos de vestir, práticas de lazer e consumo, valorização do corpo. Mesmo a “nova ética de vida” no trabalho e na família (Machado Pais, 2001) não pode ser considerada apenas como um efeito geracional¹. Este é um modo de vida que cada vez mais se impõe no quotidiano das gerações mais velhas e que se perspectiva para os jovens adultos, nomeadamente da classe média/média alta urbana, como algo que provavelmente poderá caracterizar o futuro a curto, médio ou longo prazo, ou seja, algo que irá caracterizar as suas vidas quando forem *adultos*.

Assim, na modernidade tardia (Giddens, 1997) em que revolucionam-se as necessidades e “muitos jovens não quererão perder a vida tentando ganhá-la “ (Machado Pais, 2001:21) também as gerações mais velhas tentam recuperar essa vida assumindo *práticas de rejuvenescimento* (por vezes mesmo através do nascimento de um filho) ou seja, parecem deixar de fazer sentido as estruturas formais e prescritas do estatuto de passagem para a vida adulta.

III. O conceito de adulto

Quando se pretende realizar uma pesquisa acerca das representações sociais sobre “O que é ser adulto?” depara-se, de imediato, com uma lacuna da investigação social em relação a esta fase de vida. A bibliografia que se encontra diz respeito essencialmente a questões ligadas à formação de adultos remetendo-nos, acima de tudo, para a problemática das necessidades de formação, da construção de currículos de formação e dos métodos pedagógicos. Nesta bibliografia acontece, ainda, serem raros os casos em que se tenta definir de modo mais preciso e profundo o conceito de adulto.

Assim, se é com alguma facilidade que se encontra uma extensa bibliografia sobre questões ligadas à infância, à adolescência, à juventude e ao idoso, o mesmo não se passa quando o tema que se pretende trabalhar se desenvolve em torno do conceito de adulto.

De referir, no entanto, que se revelaram essenciais para o desenvolvimento da proposta teórica desta pesquisa os estudos de Clarrissa Kulgelberg sobre as imagens culturais dos jovens suecos no início da vida adulta (1998) e de Ann Nilsen sobre as representações dos jovens

¹ Machado Pais questiona-se sobre este assunto na sua comunicação “A Vida como aventura: uma nova ética de lazer” no Congresso Mundial do Lazer, realizado em Lisboa, em Junho de 1992. Na mesma comunicação interroga-se ainda sobre a hipótese de se indiciar uma nova ética de trabalho onde o lazer adquire uma importância significativa. O levantar destas questões foi uma pista seguida para a elaboração desta proposta de análise.

noruegueses sobre a vida adulta (1998).² Outro dos trabalhos mais recentes e que se debruça sobre a definição do conceito de adulto é a obra “A imaturidade da vida adulta” (2000) de Jean-Pierre Boutinet, especialista em formação contínua. Este autor também se refere à reduzida bibliografia que se encontra sobre o conceito de adulto, nomeadamente em França, considerando que esta realidade existe porque “falar sobre a vida adulta pode parecer aparentemente banal” (Boutinet, 2000:13), ou porque a vida adulta é “deixada aparentemente nas suas antigas certezas como uma idade sem problemas, uma vez definida como idade de referência” (Ib.Ibidem:11).

Na pesquisa, “Formação Percursos e Identidades” (2003) de Ana Maria Costa e Silva, identificam-se diferentes propostas pedagógicas da formação de adultos que se baseiam, acima de tudo, na perspectiva psicológica ou no âmbito das ciências da educação para identificar características que diferenciavam a educabilidade do adulto da educabilidade de crianças e adolescentes. Nestas propostas o adulto corresponde, usualmente, a “um estágio pós-formal, (considerarmos a tipologia de Piaget)”(Costa e Silva, A. Maria, 2003:39). Entre as características específicas da educabilidade do adulto evidenciam-se a experiência, a capacidade de adaptação, antecipação, distanciamento, autonomia e paciência, que estão descritas no quadro n.º 4.

Quadro n.º 4- Características que diferenciam a educabilidade do adulto da educabilidade de crianças e adolescentes

Experiência	Que possibilita a capacidade de raciocínio e julgamento pertinente.
Adaptação	Capacidade de equilibrar situações em que é possível assimilar e outras a que se deve acomodar.
Antecipação	Capacidade para representar, adaptar-se e elaborar projectos sobre o futuro.
Paciência	Ser capaz de esperar, paciência para alcançar objectivos que se concretizarão mais tarde.
Distanciamento	Capacidade reflectir e analisar sobre a representação de si próprio, o lugar que ocupa, quem é, o que é capaz de fazer.
Autonomia	Capacidade de decisão, mobilização e gestão das informações, experiência e conhecimentos adquiridos.

No entanto, a autora também assume que estas características não possibilitam uma definição clara do conceito de adulto uma vez que nunca se refere como é que estas características se estruturam nas práticas quotidianas dos indivíduos.

Analisando as pesquisas anteriormente referidas é possível concluir que o conceito normativo e tradicional de adulto assente na ideia de maturidade adquirida e realização definitiva – que nos remete para a perspectiva etimológica da palavra adulto de origem latina *adultus* definida por aquele “que terminou de crescer”-, foi (e muitas vezes continua a ser) um conceito preponderante, produto de um quadro tradicional de exigências imposto e não questionado desde os meados do século XIX até ao final da Segunda Grande Guerra (Costa e Silva, Ana M., 2003:36).

Contudo, após a Segunda Grande Guerra e sobretudo nos anos 60 e 70, o termo adulto adquire novos significados. Considerando concepções provenientes da psicologia, psiquiatria e filosofia é possível identificar o desenvolvimento de várias pesquisas (Teilhadt de Chardin, 1959; Carl Rogers, 1961 e G. Lapassade, 1963) que, tendo em conta as mudanças socioeconómicas advindas de uma sociedade industrial em expansão e a evidência do fenómeno da individualização, substitui-se o adulto como estado terminado e estático pelo adulto enquanto

² Não iremos para já considerar as especificidades e diferenças que existem entre a sociedade do Norte e do Sul da Europa e como estas influenciam a existência de diferentes modelos de passagem à vida adulta, interessa-nos, neste momento, identificar apenas a representação destes jovens sobre o que é “ser adulto”.

estado inacabado, sujeito a um contínuo processo de construção e desenvolvimento, o adulto “é entendido doravante como perspectiva, uma maturidade vocacional nunca atingida, mas em contínua conquista” (Boutinet, 2000:17).

Perante esta nova direcção que toma a definição do conceito de adulto é possível definir duas posições distintas. Assim, se por um lado se identifica o adulto com um processo de construção, questiona-se o sentido desse processo e até meados dos anos 70 vários trabalhos apontavam essencialmente para uma perspectiva optimista - uma corrente assente na perspectiva humanista evolucionista (Carl Rogers, 1961) que fundamentava a existência de uma orientação positiva para todos os homens, o estado inacabado do homem era visto como a possibilidade de progredir, de conservar as suas formas juvenis, a angústia dos indivíduos face às características da sociedade moderna e industrial é considerada como “remanescente, como portadora de esperanças e optimismo” (Boutinet, 2000:15).

A partir dos anos 90, o processo de construção ao qual o adulto está sujeito é questionado segundo uma visão pessimista, o adulto deixa de ser entendido como perspectiva para ser visto como problema, o desenvolvimento de uma sociedade pós-industrial, pós-moderna, onde predomina a incerteza, o risco – “não que a modernidade seja mais arriscada do que épocas anteriores (...), o que é novo é a inevitabilidade do raciocínio em termos de avaliação desses riscos” (Teixeira, 2001:37) -, desordens e situações de precariedade, vulneráveis e frustrantes de marginalização promovem a permanente instabilidade (Boulte, P.1995 e Ehrenberg, A., 1991 e 1995).

A exemplo desta corrente Boutinet refere a obra de A. Ehrenberg, “L’individu incertain” (1995), onde o adulto de hoje tem de assumir responsabilidades crescentes e “se a exclusão é limitada, o sentimento de ser excluído, o handicap relacional, a privação de ser estão sempre presentes”. Também “a experiência contemporânea do indivíduo é uma interrogação maciça sobre a incerteza dos lugares” o que leva Ehrenberg a afirmar que “estamos na idade do indivíduo inseguro” (A.Ehrenberg citado por Boutinet, 2000:16).

Jean-Pierre Boutinet define assim quatro modelos que estão na base da definição do conceito de adulto; um modelo tradicional do adulto estático, estável, de maturidade adquirida, que entendemos neste trabalho que ainda persiste como representação predominante na sociedade portuguesa sobre o que é “ser adulto”, e outros três modelos emergentes que evidenciaram nos últimos trinta anos, o do adulto padrão, o do adulto em perspectiva e do adulto como problema (Vide quadro n.º5)

Quadro 5 – Modelos emergentes da vida adulta durante os últimos 30 anos

	Período Respeitante	Traço Dominante	Paradigma Fundador
Adulto padrão	1945- 1960	Maturidade vocacional	Referência
adulto em perspectiva	1960- 1975	Desenvolvimento vocacional	Estado inacabado
Adulto com problema	1980- 1995	Desordem vocacional	Instabilidade

(in Boutinet, 2000:17)

O que consideramos perante estas definições do conceito de adulto é que todas estas concepções coexistem actualmente no indivíduo e na sua forma de “ser adulto”. Estabelece-se um paradoxo particular entre a representação tradicional e a representação moderna (positivista ou pessimista) do que é “ser adulto”. Verifica-se um dualismo que, tendo em conta a situação da sociedade portuguesa, a caracteriza na sua caminhada para a modernidade – a existência de “mudança na continuidade” e a “continuidade na mudança” (Machado, F.L. e Costa, A. Firmino, 1998), a “prematuração e imaturidade coexistem ao mesmo nível que peças da sociedade industrial perduram dentro da sociedade pós-industrial” (Boutinet, 2000:228).

Ou seja, a representação do adulto continua a impor-se numa perspectiva de estabilidade - o adulto socialmente inserido e categoria etária de referência para as demais categorias etárias -, contudo, o indivíduo procura de forma voluntária afastar-se dessa impressão de estabilidade, “actuais testemunhos de adultos evidenciam a sua preocupação de se manterem jovens o máximo tempo possível, até mesmo adolescentes, nunca deixarem de crescer, mantendo-se neoténicos (inacabados), sempre em busca de realizações a completar, de acções a recomeçar com a preocupação de conservar uma réstia de juventude, um gosto permanente do inédito” (Boutinet, 2000:19). Porém, ao assegurar cada vez menos a sua identificação a um estatuto de estabilidade, o “adulto” vê-se ele próprio sem pontos de referência, por vezes perdido entre múltiplas dependências, vulnerável, confrontado com situações complexas que o ultrapassam.

O adulto situa-se actualmente numa sociedade de escolhas, decisões e projectos - projectos profissionais, de carreira, familiares, de orientação, inserção, formação, de reforma, entre outros - contudo, estas decisões, escolhas e projectos realizam-se cada vez mais sem a protecção de um quadro estruturado de identificações, cada vez mais as decisões dependem do indivíduo e da sua capacidade de se auscultar a si próprio. A sensação é por vezes a de “duplo vazio existencial e societal” (Ib.Ibidem:227)

Existem desta forma duas lógicas que resumem as diversas perspectivas sobre o que é “ser adulto”; uma que considera o adulto um sujeito equilibrado, estável, mesmo rotineiro e instalado e outra que reconhece o adulto como um sujeito que se perspectiva em desenvolvimento numa atitude de experimentação, de progressão, de formulação de desejos e concretização de projectos (Costa e Silva, 2003) ou como adulto problema que tem de lidar com o imprevisto, o risco, a exclusão e a inexistência de quadros de referência. Estas duas lógicas que se opõem e conferem ao adulto uma definição paradoxal também se podem unir “produzindo um efeito desmultiplicador numa espécie de desestabilização da vida adulta” (Boutinet, 2000:19).

Por último convém, ainda, referir que esta investigação parte da perspectiva de que a perplexidade face às novas oportunidades surge, na maior parte das vezes, porque **instituições como a escola e a família continuam a socializar os jovens segundo o modelo tradicional de transição para a vida adulta** - o jovem é frequentemente socializado numa perspectiva de se tornar o “adulto” estável e seguro - o que cada vez menos se enquadra na sociedade em que vivemos, ou seja, esta socialização promove expectativas que usualmente não correspondem à realidade. De acordo com o artigo “Padrões de vida dos estudantes universitários nos processos de transição para a vida adulta” de Rosário Mauritti (2001), os jovens que actualmente prolongam os seus tempos escolares vivem sob a protecção da família de origem, dependem dela financeiramente e usualmente os seus tempos e espaços estão separados das outras esferas da vida social, nomeadamente do mercado de trabalho, ou seja, as representações dos jovens sobre o que será a sua vida profissional e familiar partem especialmente da experiência escolar “e da estrutura de oportunidades criadas ou projectadas nos contextos alargados de sociabilidade que a escola (e a família) – num sentido global – ajuda(m) a fomentar” (Mauritti, 2001:112).

Fazendo um paralelismo entre o modo como se considera que as instituições vivem actualmente a problemática da passagem para a vida adulta e o que é “ser adulto” com a perspectiva que Giddens tem sobre o modo como estas encaram fenómenos característicos da sociedade pós-moderna, como é o caso da globalização, não se pode falar na família, do trabalho, da escola e de outras instituições como se estas não tivessem que mudar. Giddens chama-lhes de “instituições incrustadas” - “instituições que se tornam inadequadas para as tarefas que são chamadas a desempenhar (...)”. Giddens considera mesmo que “a impotência que sentimos não é sinal de qualquer fracasso pessoal, é reflexo apenas da incapacidade das nossas instituições. Precisamos de reconstruir as que temos, ou de as substituir por outras” (Giddens, 2000:31).

Boutinet (2001) que segue a mesma perspectiva de Giddens ao propor que as instituições socializadoras como a escola e a família se devem adaptar à nova condição social dos jovens, alerta para a necessidade do desenvolvimento de uma pedagogia “pós-moderna” onde se explora todas as oportunidades e caminhos possíveis, mesmos que contraditórios, para que os jovens

estruturem e organizem situações paradoxais³, para que não se inibam a constrangimentos e representações preconcebidas, responsabilizando-se pelas suas oportunidades e liberdade de escolha tendo sempre a possibilidade de desistir e voltar atrás caso, numa perspectiva de desenvolvimento e realização pessoal, isso se justifique (Boutinet, 2000).

IV. Métodos e técnicas de investigação

O trabalho empírico desta pesquisa, a iniciar ainda em 2004, tem assim por objectivo observar os modelos de transição para a vida adulta e as representações sociais sobre o que é *ser adulto* dos jovens, jovens adultos e adultos das cinco principais cidades das unidades territoriais do país - Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve, ou seja, as cidades do Porto, Coimbra, Lisboa, Évora e Faro respectivamente.

Essa observação realizar-se-á através da integração de dois métodos de pesquisa:

- O Método quantitativo - aplicação de um inquérito por questionário a 500 inquiridos, seleccionados através de uma amostra não casual, por quotas e estratificada por escalões etários⁴, condição social⁵, escolaridade e cidade em que reside. Pretende-se que a selecção desta amostra respeite os critérios de representatividade de forma a poder induzir os resultados obtidos para a generalidade da população de cada uma das cidades.
- Método qualitativo – utilização das técnicas de *focus group* e grupo de discussão o que permite estudar a opinião do grupo valorizando o pressuposto de que as representações sociais são determinadas não exclusivamente pelo indivíduo mas também através da sua comunicação e interacção com os outros.

Bibliografia

- AVANZINI G., “L’anthropolescence”, in *L’ éducation des adultes*, Paris, Anthropos, 1996.
- BECK, Ulrich, *Risk Society*, Londres, Sage Publications, 1992.
- BRAGA DA CRUZ, Manuel e al ,“A condição social da juventude portuguesa” in *Análise social*, 1984, 20 (81-82), Lisboa, pp. 285-308.
- BOULTE, P., *L’individu en friches*, Paris, Desclée de Brouwer, 1995.
- BOUTINET, Jean-Pierre, *A Imaturidade da Vida Adulta*, 2000, Porto, Rés-Editora, lda.
- BOURDIEU, Pierre, “Youth is just a word”, in: P. Bourdieu, *Sociology in Question*, 1984, London, Sage Publications Ltd., pp. 143-155.

³ Como por exemplo, conseguir um emprego que lhes dê realização pessoal numa sociedade em que deixou de existir o que anteriormente designávamos como o “emprego para o resto da vida” .

⁴ . Por escalões etários – 20-29 – jovens; 30-39 – jovens adultos e maiores de 40-65 – adultos (privilegiando-se a faixa etária dos 40-49 na situação de adultos). É fundamental salientar o facto de que, neste estudo, considerar estes intervalos tornou-se uma questão meramente quantitativa e prática, um ponto de partida para se chegar a um trabalho também qualitativo que, tal como se afirma no quadro teórico desenvolvido, considera que nem a juventude nem o adulto ou mesmo o idoso são categorias que se possam definir apenas em termos de idade. Para além dos critérios biológicos e etários estarem articulados com a configuração dos ciclos de vida, os limites desses ciclos não são determinados basicamente nem pela natureza biológica nem pela idade cronológica, mas encontram-se dependentes das escolhas e estratégias individuais, das condições sociais e das possibilidades definidas pela estrutura socioeconómica das sociedades em que se integram

⁵ Por condição social – classes menos e mais favorecidas.

A escolha das pessoas que se vão investigar será feita de forma não casual tentando, junto de zonas comerciais de grande superfície, das cidades em causa questionar o número de indivíduos estipulado preenchendo os requisitos de cada quota estratificada.

- COLLECTIF, “L’évolution des valeurs des Européens”, *Futuribles*, 200, 1995 – *Être adulte*, 100 personnalités témoins de leur expérience. Paris, Albin Michel-LaVie, 1996.
- DEGNIER, Marc-André, “Crise de la jeunesse et transformations des politiques sociales en contexte de mutation structurale”, in *Sociologie et Sociétés*, XXVIII, 1996, 1, pp. 73-88.
- EHRENBERG A., *Le culte de la performance*. Paris, Calmann-Lévy, 1991.
- EHRENBERG A., *L’individu incertain*, Paris, Le Seuil, 1995.
- ELIAS, N., *A Sociedade dos Indivíduos*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1993.
- ELIAS N., *Du temps*, Paris, Fayard, 1997.
- GALLAND, Oliver “Precarité et entrée dans la vie”, in *Revue Française de Sociologie*, XXV, 1984, pp. 49-66.
- GALLAND, Oliver “Formes et transformations de l’entrée dans la vie adulte”, in *Sociologie du Travail*, 1985, 1, pp. 32-53.
- GALLAND, Oliver “L’entrée dans la vie adulte en France. Bilan et perspectives sociologiques”, in *Sociologie et Sociétés*, Vol XXVIII, n°1, Pritemps, 1996, pp. 37 -46.
- GIDDENS. A., *The transformation of intimacy: sexuality, love & eroticism in modern societies*, 1992, Oxford, Polity Press, p.186.
- GIDDENS, Anthony, *As Consequências da Modernidade*, 1992a (1ª ed.), Oeiras, Celta Editora.
- GIDDENS, A., *Modernidade e Identidade Pessoal*, 1997, Oeiras, Celta Editora
- GIDDENS; Anthony, *Modernização Reflexiva*, 2000 (1ª ed.), Oeiras, Celta Editora.
- GOKALP, Catherine, “Quand vient l’âge des Choix. Enquête auprès des jeunes de 18 à 25 ans: emploi, résidence, mariage”, 1981, Paris, Presses Universitaires de France, Institut National d’Études Démographiques, Col. *Travaux et Documents*, cahier n° 95.
- LASH, S., “Reflexive modernization: the aesthetic dimension”, in *Theory, Culture and Society*, 10, 1992.
- LAPASSADE, G., *L’entrée dans la vie, essai sur l’inachèvement humain*, Éd. De Minuit, 1963
- LESTON BANDEIRA, Mário, “ ‘Crise da Família’ e Novos Protagonismos Sociais”, in *Mutações Sociais Mentalidades e Comportamentos*, 1997, Ministério da Educação, pp. 15-35.
- Lipovetsky, Gilles, *A Era do Vazio*, Lisboa, Relógio d’Água, 1989.
- MACHADO, Fernando Luís, COSTA, António Firmino, “Processos de uma Modernidade Inacabada”, in José Manuel Leite Viegas e António Firmino da Costa (org.), *Portugal, Que Modernidade?*, Oeiras, Celta Editora, 1998 (2ª edição), pp. 17-44 .
- MACHADO PAIS, José , “A construção sociológica da juventude : alguns contributos“, in: *Análise Social*, 1990, XX- 1º e 2º (105-106), Lisboa, pp.139 -165.
- MACHADO PAIS, José, *Formas Sociais de Transição para a Vida Adulta - Os Jovens Através dos Seus Quotidianos*, Dissertação de Doutoramento em Sociologia, 1991a, Lisboa, ISCTE.
- MACHADO PAIS, José, “Emprego juvenil e mudanças social : velhas teses, novos modos de vida”, in *Análise Social*, vol. XXVII, n.º 114, 1991b, Lisboa, ICS, pp.945-987.
- MACHADO PAIS, José, “A vida como aventura: Uma nova ética de lazer”, in *Actas do Congresso Mundial do Lazer*, 1992, Lisboa, ICS, pp.99-110.
- MACHADO PAIS, José, *Ganchos, Tachos e Biscates – Jovens, Trabalho e Futuro*, 2001, Porto, Ambar..

- MAURITTI, Rosário, "Padrões de vida dos estudantes universitários nos processos de transição para a vida adulta", in *Sociologia Problemas e Práticas*, nº39, 2002, Lisboa, Editora Celta, pp.85-116
- MATIAS, Nelson, "A Educação e a escola", in *Juventude Portuguesa : Situações, Problemas, Aspirações*, Vol. I, *Resultados Globais*, 1989, Lisboa, ICS, pp.75-97.
- MOSCOVICI, S., *Social Cognition*, Londres, Academic Press, 1981.
- NILSEN, Anna, " Representações dos Jovens acerca da Idade Adulta" in GUERREIRO, Maria das Dores, Trabalho (Coord.), *Família e Gerações: Conciliação e Solidariedades*, 1998, Lisboa, Celta Editora, pp. 139-143.
- ROBERTS, Kenneth, PARSEN, Glennys, "Culturas de juventude, transformação social e a transição para a vida adulta na Grã-Bretanha", in *Análise Social*, vol. XXV (105-106), 1990 (1.º, 2.º), Lisboa, ICS, pp.167-191.
- ROGERS, C., *Outcoming a Person*, Houghton Mifflin , 1961.
- SILVA, Ana Maria Costa e, " Ser adulto: estado ou processo? " in *Formação, Percursos e Identidades*, 2003, Coimbra, Quarteto Editora, pp.36-45.
- TEIHLARD DE CHARDIN, P., *L'avenir de l'homme*, Paris, Le Seuil, 1959.
- TEIXEIRA, Elsa Guedes, "Solidão, a busca do outro na era do eu: estudo sobre sociabilidade na modernidade tardia", in *Sociologia Problemas e Práticas*, 2001, 35, pp. 31-48.
- VALA, J., e MONTEIRO, M. B., (org.), *Psicologia Social* , Lisboa; Fundação Gulbenkian, 1993, pp. 353-384.
- ZELDIN, Theodore, *História íntima da Humanidade*, Lisboa, Editorial Teorema, 1994.